

Passos na economia preocupam Arida

Entrevista Economista aponta 'retrocessos' na agenda ambiental e política externa e critica ataques ao BC e revisão das regras do saneamento

Começo do governo Lula é 'preocupante', afirma Pêrsio Arida

Alex Ribeiro De São Paulo

Um dos papéis do Plano Real, o economista Pêrsio Arida considera "preocupante" a evolução do governo Lula nos cinco primeiros meses. "Esses primeiros meses do governo é uma sequência de iniciativas e ideias que vão no contramão do que o Brasil precisa", afirma.

A lista de restrições que Arida faz ao direcionamento econômico do novo governo é grande, da revisão do marco do saneamento aos ataques do presidente da República ao Banco Central, da volta dos subsídios no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao posicionamento na política externa.

Ele está preocupado também com o que deixou de ser feito — como adotar uma agenda na área de energias limpas para o país líder no tema das mudanças climáticas e uma reforma do Estado para cortar desperdícios e tornar o menos ineficiente.

Arida foi um primeiro economista a influenciar a declaração de apoio a Lula no segundo turno das eleições, o que ajudou a enfiar candidato a se aproximar do eleito de centro. Também fez parte da equipe de transição, embora não tenha se integrado ao novo governo.

"Não muda em nada a minha avaliação sobre o apoio que dei ao presidente Lula, porque foi um apoio pensando na democracia, nos direitos humanos, na agenda ambiental, muito mais do que na economia", afirma ele, em entrevista ao Valor.

Ele diz que, neste momento, não seria uma boa ideia mudar aspectos do regime de metas de inflação, para não perder a credibilidade da política monetária. "No Brasil de hoje, é melhor não fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário".

Para ele, a alta indexação da economia de volta levou o país a adotar uma meta menor que 3%, não maior. Apesar de todas as críticas, Arida ainda tem alguma esperança na mudança de rumos do governo. "Se se passaram cinco meses, inícios de governo são sempre confusos, eu vi isso de perto no governo Fernando Henrique", afirma. "A ver como vai se desenvolver por frente".

A seguir, os principais trechos da entrevista.

Valor: Como o senhor avalia os primeiros meses do governo? Pêrsio Arida: Do ponto de vista econômico, a evolução dos primeiros meses é muito preocupante. Não muda em nada a minha avaliação sobre o apoio que dei ao presidente Lula, porque foi um apoio pensando na democracia, nos direitos humanos, na agenda ambiental, muito mais do que na economia. Mas esse começo de governo é uma sequência de iniciativas e ideias que vão no contramão do que o Brasil precisa: a revisão do marco do saneamento, a revisão dos critérios de voto do Eletrobras, os ataques ao Banco Central, os questionamentos sobre a lei das estatais, a volta de subsídios no BNDES, ideias como criar uma indústria de semiprocessadores no Brasil ou restaurar a indústria naval, o subsídio ao carro popular, retrocessos na agenda ambiental.

Valor: O que o senhor acha do novo quadro econômico? Arida: É bom ser uma ideia complementar. O Brasil precisa desconstituir aspectos econômicos por necessidade da economia mudando o tempo todo. Também é positiva a sinalização de uma preocupação do PT com a estabilidade da dívida pública a médio prazo, embora seja improvável que seja atin-

gida ao final do governo Lula. O que mais me preocupa é o incentivo para aumentar a receita para gastar mais. O Brasil já tem uma carga fiscal muito elevada. Eu preferiria uma regra mais simples e abrangente: a soma de todos os gastos públicos, incluindo os transferências constitucionais, teria que permanecer constante em termos reais por alguns anos. Foi proposta uma regra complexa. A complexidade, em si, não é problema. A regra orientadora é clara, mas a implementação é complicada. O problema é que, no nosso caso, a tendência é sempre burlar a regra para aumentar o gasto.

Valor: Por que a estabilidade dos gastos em termos reais seria a melhor solução? Arida: Coloca sobre o governo a preocupação de diminuir despesas obrigatórias e reavaliar as políticas de gastos. Temos uma série de gastos que, quando anunciados, não campo das intencões, sempre são meritosos, mas que terminam com uma governança e um funcionamento muito ruim. Em parte, por que o Estado brasileiro não é eficiente, em parte por captura de grupos de interesse e, muitas vezes, por inércia.

Valor: Governos de esquerda têm tendência a aumentar o papel do Estado, ou liberar o comércio. Há uma diferença? Arida: O patamar de gastos foi elevado pela PEC da Covid, PEC dos precatórios, PEC Kamikaze e, neste ano, pela PEC da Transição. Muito do efeito da PEC da Covid diminuiu, mas as outras produziram aumentos efetivos de gastos. Se estivessem partindo de um patamar baixo de gastos públicos, eu acho que seria mais fácil fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: Sobre o que o senhor acha de mais difícil de fazer? Arida: Sobre o que o senhor acha de mais difícil de fazer, eu acho que o mais difícil de fazer é a política monetária. Está falando de uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

deve ser confundida com imobilismo. Se tiver um debate sério sobre reforma administrativa feito pelo governo, o próprio governo vai chegar à conclusão de que é melhor para ele ter uma marca estatal mais eficiente. Tem que ser como apresenta as propostas. Se apresentar como quebra da estabilidade dos funcionários públicos, vai gerar um protesto grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a resistência é muito menor.

Valor: Na conjuntura atual, em que o Banco Central mantém juros altos para baixar o inflação, seria adequado um ajuste fiscal? Arida: Não Brasil — não estou julgando outros países — o papel anticíclico deve ser só da política monetária. O volume de gastos tem que ficar constante. A política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é casomístico. Se aumentam os gastos, por suposto, a economia está fraca, quero ver diminuir depois. É fácil aumentar e é muito difícil reduzir.

Valor: O Brasil deveria adotar uma meta de inflação maior do que os 3% atuais? Arida: Tem uma questão de credibilidade do regime de metas no Brasil. Se estivessem em uma conversa acadêmica, abstrata, eu defenderia uma meta chata como temos hoje. Acontece que não estamos num debate acadêmico, no Brasil de hoje, é melhor não fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.



Pêrsio Arida: "No Brasil de hoje, é melhor não fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário"

"Declarações reduzindo o problema da Venezuela a uma narrativa são inaceitáveis"

aberto, que vai para a televisão, vai ao programa Roda Viva, se dispõe a uma conversa aberta com ministros. É uma postura de abertura, democrática, mas de sever.

Valor: O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tem perguntado a você sobre a política fiscal e a política monetária. Está falando de uma política fiscal mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

Valor: O senhor acha que o governo de esquerda tem mais chances de fazer uma política monetária mais rígida? Arida: Não acho que o governo de esquerda tenha mais chances de fazer uma política monetária mais rígida. O que me preocupa é a possibilidade de o governo de esquerda fazer uma política monetária mais rígida, mas não mexer na meta nem no ano calendário.

ambiental forte. Esse é o caminho para crescer.

Valor: Após o isolamento do Brasil no governo Bolsonaro, o presidente Lula está usando bem o seu capital político no exterior? Arida: Tem um capital político que tem que ser preservado, é muito importante. Agora, você atrai capitais quando tem segurança jurídica, quando tem uma boa agenda, em particular de meio ambiente. Eu vi esses retrocessos no meio ambiente com enorme preocupação. O Brasil está desperdiçando a oportunidade de ser uma economia verde, de dar um exemplo para o mundo. Tem um lado preocupante também, no mundo crescentemente polarizado, de aproximações e de distâncias em relação ao eixo Europa-Estados Unidos, e aproximações em relação à Rússia e China. Declarações reduzindo o problema da Venezuela a uma narrativa são inaceitáveis para qualquer um comprometido com a democracia e direitos humanos.

Valor: O senhor menciona a volta dos subsídios implícitos nos empréstimos do BNDES. Mas o banco diz que é uma linha com recursos limitados, voltada para inovação. Qual é o problema? Arida: No mundo inteiro, inovação é "equity" [participação no capital] não é financiamento. Se você perguntar qual é o legado do Vale do Silício, da China, Grã-Bretanha, é todo o capital de risco. É errada a noção de expandir o financiamento com subsídios. Isso sempre um recuo — de novo, é uma coisa brasileira — de você começar fazendo um pouco de subsídios numa área e expandir para outras. Nada contra apoio à inovação. O Brasil tem que apoiar mais a inovação. A abertura da economia é crítica. Tem que baixar a tarifa para poder importar máquinas e equipamentos mais produtivos. Tem que permitir imigração, entrada de mão-de-obra qualificada.

Valor: Quais empresas deveriam ser privatizadas? Arida: Os Correios são um candidato natural. Os grandes cadastros e privatização são os serviços públicos que não monopólio. Do monopólio é ruim para a economia. É economicamente deficitário. A casa também é excelente candidato. Também deveria fechar as companhias estatais criadas. A Dilmá criou uma série de companhias estatais. O Bolsonaro não se fechou. Foi um liberalismo meio de ataque. A empresa brasileira de rádio e televisão, a empresa dos trem-bala, não fazem sentido nenhum. Nessas áreas, seria ótimo se desse para privatizar, mas infelizmente ninguém quer comprar, então tem que fechar mesmo.

Valor: O senhor julga, em entrevista anterior ao Valor, que o "xixi do problema no Brasil está nos 'Tsimos'": patrimonialismo, populismo, corporativismo. O problema está sendo resolvido? Arida: Talvez mais importante até que a agenda econômica seja a agenda institucional. Temos um problema de uma enorme dificuldade de construir instituições que não sejam capturáveis por grupos de interesse. Você tem desequilíbrios na relação entre o executivo e o legislativo importantes. Temos um sistema partidário sem claras distinções programáticas, testes de representação na Câmara e falta de "accountability" dos parlamentares com os seus eleitores, exceto pelo clientelismo.

Valor: Governo e mercado financeiro estão fazendo uma grande aposta na reforma tributária. Como a sua avaliação sobre o cenário atual? Arida: É claro que seria um enorme progresso no Brasil, com o IVA único, não com o IVA dual. O IVA dual seria um "second best" [uma segunda alternativa inferior à primeira] digamos assim. O grande problema da reforma tributária é, primeiro, uma questão de escamboamento, porque quem perde perde e quem ganha não está se manifestando. Teoricamente é uma reforma neutra do ponto de vista tributário. Mas tem um problema de fundo: você vai terminar com uma alíquota de um IVA da ordem de 25%. A alíquota de 25% só explicita que a carga tributária brasileira é muito grande. Só tem uma solução. Você tem que fazer uma reforma ao longo do tempo para diminuir a carga tributária.

Valor: Como construir um consenso para aprovar a reforma? Arida: Reformas tributárias são sempre muito difíceis em qualquer lugar do mundo. É mais difícil se você apenas disser para a indústria automobilística que vai terminar com os seus incentivos no prazo de seis anos, ou que vão acabar para a Zona Franca de Manaus, para citar dois exemplos. Diga o seguinte: vou diminuir a alíquota do Imposto de Renda. Quando você nomeia quem vai ganhar, você cria e massa crítica a favor da reforma.

Valor: O senhor está desiludido com o governo Lula? Qual é o seu executivo daqui por diante? Arida: Só se passaram cinco meses. Inícios de governo são sempre confusos, eu vi isso de perto no governo Fernando Henrique. A ver como vai se desenvolver por frente. Não é que esteja já radicalmente pessimista, ainda tem tempo para pra corrigir a rota e colocar o Brasil numa situação de crescimento elevado.

Valor: O senhor julga, em entrevista anterior ao Valor, que o "xixi do problema no Brasil está nos 'Tsimos'": patrimonialismo, populismo, corporativismo. O problema está sendo resolvido? Arida: Talvez mais importante até que a agenda econômica seja a agenda institucional. Temos um problema de uma enorme dificuldade de construir instituições que não sejam capturáveis por grupos de interesse. Você tem desequilíbrios na relação entre o executivo e o legislativo importantes. Temos um sistema partidário sem claras distinções programáticas, testes de representação na Câmara e falta de "accountability" dos parlamentares com os seus eleitores, exceto pelo clientelismo.

Valor: Governo e mercado financeiro estão fazendo uma grande aposta na reforma tributária. Como a sua avaliação sobre o cenário atual? Arida: É claro que seria um enorme progresso no Brasil, com o IVA único, não com o IVA dual. O IVA dual seria um "second best" [uma segunda alternativa inferior à primeira] digamos assim. O grande problema da reforma tributária é, primeiro, uma questão de escamboamento, porque quem perde perde e quem ganha não está se manifestando. Teoricamente é uma reforma neutra do ponto de vista tributário. Mas tem um problema de fundo: você vai terminar com uma alíquota de um IVA da ordem de 25%. A alíquota de 25% só explicita que a carga tributária brasileira é muito grande. Só tem uma solução. Você tem que fazer uma reforma ao longo do tempo para diminuir a carga tributária.

Valor: Como construir um consenso para aprovar a reforma? Arida: Reformas tributárias são sempre muito difíceis em qualquer lugar do mundo. É mais difícil se você apenas disser para a indústria automobilística que vai terminar com os seus incentivos no prazo de seis anos, ou que vão acabar para a Zona Franca de Manaus, para citar dois exemplos. Diga o seguinte: vou diminuir a alíquota do Imposto de Renda. Quando você nomeia quem vai ganhar, você cria e massa crítica a favor da reforma.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 6